

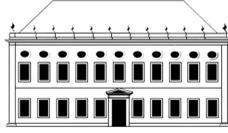
Sebastião Tavares de Pinho
Coordenação



eatro
Neolatino em Portugal
no Contexto da Europa

450 Anos
de Diogo de Teive

(Página deixada propositadamente em branco)



D O C U M E N T O S

I
IMPRESSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS
U

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Imprensa da Universidade de Coimbra

URL: <http://www.imp.uc.pt>

CONCEPÇÃO GRÁFICA

António Barros

PRÉ-IMPRESSÃO

António Resende

Imprensa da Universidade de Coimbra

EXECUÇÃO GRÁFICA

SerSilito • Maia

ISBN

972-8704-75-5

DEPÓSITO LEGAL

.....

© Junho 2006, Imprensa da Universidade de Coimbra

OBRA PUBLICADA COM O FINANCIAMENTO DE:

Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR Portugal

OBRA PUBLICADA COM O APOIO DE:

FCT: Fundação para a Ciência e Tecnologia • Ministério da Ciência e do Ensino Superior
Apoio do Programa Operacional para a Ciência, Tecnologia, Inovação
do III Quadro Comunitário de Apoio

O TEATRO NEOLATINO EM PORTUGAL
NO CONTEXTO DA EUROPA

450 ANOS DE DIOGO DE TEIVE

(Página deixada propositadamente em branco)

Américo da Costa Ramalho

Universidade de Coimbra

AINDA, OS QUATRO *DÁMIOS* JAPONESES EM COIMBRA (1585):

OS ESPECTÁCULOS

Quando a Universidade regressa definitivamente a Coimbra em 1537, depois de uma ausência de 160 anos, não é a semente que cai em terreno sáfaro e hostil, para usar uma imagem não de todo gasta.

Com efeito, em 1537, em Santa Cruz de Coimbra florescia as Humanidades com um vigor que não tinham certamente na Universidade de Lisboa, a avaliar pelo discurso pronunciado em 1534 no Estudo Geral lisiponense por André de Resende, francamente pessimista sobre o nível de toda a instituição universitária lisboeta. Para dar um só exemplo, enquanto o Grego parece não existir, por essa altura, em Lisboa, o humanista flamengo Nicolau Clenardo fica deslumbrado com uma aula do helenista alemão Vicente Fabrício no mosteiro de Santa Cruz de Coimbra.

Vicente Fabrício ensaiou possivelmente os alunos para a visita do flamengo, mas, seja como for, estudava-se Grego na escola dos frades crúzios.

Todavia, com a introdução no esquema universitário de uma escola de Humanidades, em 1548, vitalidade nova foi injectada no ambiente cultural conimbricense dos meados do século XVI.

Antes de 1548, terá havido certamente orações universitárias, como a de 1539, pronunciada em Santa Cruz por Mestre João Fernandes, um sevilhano que aí ensinava retórica e Latim. Todavia, não chegaram até nós, e esta de 1539 ficou manuscrita.

Entretanto, a 21 de Fevereiro de 1548, era inaugurado o Colégio das Artes, com a *oratio* de Arnold Fabrice, um dos franceses que com vários portugueses, comandados por André de Gouveia, vieram ensinar em Coimbra.

Não vou falar aqui do elenco desse *team* internacional que se transferiu com um treinador português afamado, o principal do Collège de Guyenne em Bordéus, para o novo Colégio das Artes em Coimbra. É assunto que todos os presentes certamente conhecem.

A estrela de maior brilho internacional do grupo de André de Gouveia era provavelmente o escocês George Buchanan, já então famoso como poeta latino e dramaturgo.

A ação estimulante dos bordaleses no meio universitário de Coimbra principia com essa oração inaugural de Arnaldo Fabrício de que há pouco eu falava. Na verdade, logo nesse ano de 1548, ao discurso público do francês, sucedeu em Julho a *oratio* de João Fernandes *De Celebritate Academiae Conimbricensis*, pronunciada na visita do Infante D. Luís a Coimbra. E em 1 de Outubro, na abertura solene da Universidade, o português Belchior Beliago declama a oração inaugural do ano lectivo de 1548-1549. Esta, assim como a de João Fernandes, teve lugar na Universidade, ao passo que a de Arnaldo Fabrício foi proferida no Colégio das Artes.

O bordalês apresenta-se a si e aos seus companheiros como uma turma de beneméritos que vinham expulsar a barbárie gótica, entenda-se medieval, das plagas lusitanas, graças à iniciativa inteligente de D. João III. Ficaria decerto muito surpreendido se lhe mostrassem a oração do jovem conde de Alcoutim na Universidade de Lisboa, em 18 de Outubro de 1504, na presença do rei D. Manuel a quem são atribuídos generosamente os elogios agora dados ao rei seu filho, mas quarenta e quatro anos antes. Também o núcleo expositivo das duas orações inaugurais não difere muito.

D. Pedro de Meneses, 2º conde de Alcoutim, tinha 17 anos de idade, quando discursou no Estudo Geral de Lisboa. Fora para isso treinado pelo seu mestre italiano Cataldo Parísio Sículo que persuadiu o rei D. Manuel, a introduzir em Portugal, esta prática das cortes italianas — o espectáculo

de confiar a um jovem aristocrata a solenidade da abertura do ano lectivo universitário, que no começo do século se realizava em 18 de Outubro, dia de S. Lucas. Mais tarde, passou a efectuar-se em dia de São Remígio, a 1 de Outubro, «la Saint-Rémy» da Sorbonne.

Também Cataldo, entre nós desde 1485, se propôs expulsar a barbárie cultural dos portugueses, mas fê-lo sessenta anos antes dos companheiros de André de Gouveia.

Mais espectacular do que a abertura do ano lectivo, era a cerimónia do doutoramento solene ou a imposição das insígnias doutorais.

Hoje o cortejo universitário sai da Biblioteca Joanina construída no século XVIII e toda a cerimónia se passa dentro do âmbito do antigo palácio real e seus anexos. Então, em vez de se limitar a percorrer o pátio da Universidade, o cortejo atravessava uma grande parte da cidade de Coimbra, pois, com o Reitor à frente, a comitiva ia buscar o doutorando a casa e com ele percorria a parte do burgo que ficava entre a sua residência e o Paço das Escolas.

A descrição que nos dá Inácio de Moraes do acontecimento, em dísticos elegíacos do seu *Conimbricæ Encomium* compara este triunfo académico com o triunfo do general romano de outrora, até nas chufas que os soldados dirigiam ao general vencedor.

Dessa intenção de temperar o momento de glória com alguma observação graciosa, resta nos actuais estatutos a recomendação de moderar os elogios ao doutorando com alguns ditos jocosos a seu respeito, que não ofendam.

Eis o texto de Inácio de Moraes, em tradução que publiquei em 1985 no meu livro *Latim Renascentista em Portugal*, p. 188-191:

Acrescente-se que também Coimbra distrai o seu povo com alegres festejos que celebra com frequência. Assim, todas as vezes que alguém solicita o prémio dos seus estudos e que lhe cinjam gloriosamente a cabeça com o ramo de louro, canta-se, à maneira antiga, o alegre triunfo e um cortejo se encaminha ordenadamente às doudas Escolas.

Vai à frente o Reitor, acompanhado de áureos feixes, e segue-o multidão espessa de varões. Vai a comitiva dos doutores, com as têmporas coroadas e os trajos tingidos cada um da cor que lhe pertence.

A multidão cheia de espanto corre de todos os lados na ânsia de ver, e reboam os tambores tocados em festivo modo. E a rouca trombeta mistura, com alternado estrépito, o som e juntam as flautas ocas seus finos ritmos.

Então gostam de andar, por um lado e por outro, jovens de rosto mascarado, e de soltar graciosas troças.

Como outrora, quando o general romano, dominado o inimigo, celebrava o triunfo e conduzia vencedor os cavalos brancos, e coroados de louros era recebido com grande honra pelo Senado, e o povo em alta voz dava-lhe o seu aplauso, de igual modo toda a Academia se alegra em festivo clamor, quando alguém recebe o apolíneo louro.

Esplêndidas tapeçarias ornamentam o teatro espaçoso: senta-se a ordem dos senadores e o coro de Palas.

Então deleitar-te-á a abundância eloquente da prosa e uma graça que flui de Cícero. E há-de seduzir-te a tragédia pomposa que caminha em graves versos, ou a musa cómica, em seu leve soco.

*Adde, quod et populum laetis Conimbrica ludis
Exhilarat, crebro quos celebrare solet.
Nam quoties quisquam studiis sua praemia poscit,
Et lauri emeritum cingere fronde caput:
Antiquo canitur laetus de more triumphus,
Pergit et ad doctas ordine pompa Scholas.
Incedit rector, comitatus fascibus aureis.
Atque comes sequitur densa caterua uirum.
Turba it doctorum, redimitaque tempora sertis,
Textaque quisque suo tincta colore gerunt.
Plebs stupefacta ruit studio diffusa uidendi,
Et reboant festo tympana pulsa sono.
Miscet et alterno strepitu tuba rauca sonorem,
Argutos fundunt et caua buxa modos.
Tum personatis iuuenes discurrere gaudent
Vultibus, et lepidos ore referre iocos.
Sic cum Romanus domito dux hoste triumphum,
Atque olim niueos uictor agebat equos:
Laurigerum magno excipiebat honore senatus,*

*Et populus plausum uoce sonante dabat.
 Tota igitur gaudet clamore Academia festo,
 Donatur lauru dum quis Apollinea.
 Attalica exornant spatiosum aulaea theatrum:
 Ordo sedet patrum, Palladiusque chorus.
 Copia mulcebit tunc te facunda soluti
 Eloquii, atque fluens de Cicerone lepos.
 Teque graui incedens tumefacta tragoedia uersu,
 Aiit socco alliciet comica Musa leui.*

Notar-se-á que o dístico final se refere a representações teatrais, a tragédia e a comédia, que tinham lugar em festas académicas de certas formaturas.

Mais do que os estatutos universitários são significativas a esse respeito certas recomendações expressas do rei D. João III.

Assim, um alvará de D. João III, datado de 30 de Janeiro de 1538, isto é, anterior dez anos à fundação do Colégio das Artes, autorizava os estudantes dos Colégios de Santa Cruz, a usarem trajos de seda e jóias de ouro, contra a lei vigente, nas comédias e tragédias que representavam. E só punha uma condição: a de tais trajos de seda e objectos de ouro terem sido confeccionados antes da publicação da lei em vigor.

Isto prova que o teatro escolar era então uma realidade. E anos mais tarde, por alvarás de 25 de Setembro e de 16 de Outubro de 1546, o mesmo soberano mandava que na mais alta regra de Latinidade do Colégio de São Jerónimo e nas terceira e quarta regras da mesma disciplina da Universidade, os respectivos professores fizessem representar anualmente uma comédia⁽¹⁾.

Com a sua preocupação de juntar ao ensino do Latim a formação cristã, os jesuítas devem ter substituído Plauto e Terêncio por comédias da sua própria autoria. E como inventar uma comédia em cada ano não era tarefa fácil, creio que muitos dos diálogos que encontramos nos manuscritos dos

⁽¹⁾ Vide Mário Brandão, *Coimbra e D. António Rei de Portugal. I A Educação de D. António*, Coimbra, 1939, p. 31 e 96 ss.

jesuítas se destinaram a substituir as comédias de representação obrigatória. Aliás a feição jocosa e satírica de muitos deles acentua a sua proximidade com a atmosfera da comédia.

Por outro lado, desde o Renascimento italiano que as églogas pastoris, piscatórias e mitológicas eram representadas nas cortes de Itália. Tal aconteceu, por exemplo, com as produções bucólicas de Henrique Caiado, cuja obra literária foi realizada em cortes italianas.

A bucólica, além de dramatizar situações da vida corrente, podia servir também de veículo da crítica literária, por vezes dissimuladamente.

Assim no poema *De Agnetis Caede* que o Prof. John Martyn atribui a André de Resende⁽²⁾, mas decerto não é obra do humanista eborense, Inês goza os aprazíveis frutos do Mondego.

Nos *Lusíadas*, III, 120, 2, estava Inês «de seus anos colhendo o doce fruto».

O Autor do *De Agnetis Caede*, provavelmente um discípulo dos jesuítas, sabia perfeitamente o que quer dizer «de teus anos colhendo o doce fruto», mas fugindo à implícita sugestão sexual, substitui «anos» por «aprazíveis frutos do Mondego». Só não explica o que eram os frutos do Mondego. Seriam os peixes do rio ou as laranjas dos campos vizinhos?

Um outro poema da mesma colectânea a *Ecloga Conimbrica* explica no final quais eram os frutos do Mondego, isto é, as lampreias. E zombeteiramente acrescenta que elas surgem nas águas do Mondego nascidas das lágrimas de Inês.

Voltemos porém, ao *Conimbricae Encomium* de Inácio de Moraes, publicado em Coimbra, um ano antes da entrega do Colégio das Artes aos padres da Companhia de Jesus. Aí se pode verificar que a vida do pequeno burgo era dominada pela sua universidade. Fora das festas académicas, há pouco mais do que procissões religiosas, marchas militares, largadas de touros e exhibições de acrobatas ao ar livre.

⁽²⁾ Cf. A. Costa Ramalho, «O poema *De Agnetis Caede* será uma fonte de *Os Lusíadas?*», *Península* 1, Porto, Faculdade de Letras, 2004, 113-121.

No poema sobressaem, por contraste, a tranquilidade bucólica da cidade e o bulício estudantil.

Do mesmo ano do *Conimbricæ Encomium* é a *Descriptio Vrbs Olisiponensis* de Damião de Góis onde a escola lisboeta, então inexistente merece pouco mais que uma alusão passageira «à Universidade que apenas se tornara famosa, depois que o rei D. João III a transferiu para Coimbra»⁽³⁾.

Em Janeiro desse mesmo ano de 1554, falecia o príncipe herdeiro D. João, filho de D. João III, e dezoito dias mais tarde, a 20 de Janeiro, nascia seu filho póstumo, o futuro rei D. Sebastião, de triste memória para os portugueses.

À morte do príncipe dedicou Diogo de Teive a *Tragoedia Ioannes Princeps* publicada em 1558. A *Tragédia do Príncipe João* foi traduzida, comentada e criteriosamente estudada na tese de licenciatura da Doutora Nair de Castro Soares, actualmente já em segunda edição⁽⁴⁾.

Em 1550 fizera Teive representar a tragédia *David* nas festas do bacharelato de D. António, filho bastardo do infante D. Luís, mais tarde prior do Crato e efémero rei de Portugal.

Mas a passagem de Teive pelos calabouços da Inquisição, onde entrou em Julho desse mesmo ano de 1550, levou ao desaparecimento desta e de outra tragédia intitulada *Judith*.

Seria tratado pela Inquisição melhor do que Damião de Góis, anos mais tarde.

Depois da sua libertação, Teive ainda foi, por pouco tempo, o principal do Colégio das Artes, mas em Outubro de 1555, entregou-o à Companhia de Jesus, por ordem de D. João III.

Quando os quatro fidalgos (*dáimios*) japoneses visitaram expressamente Coimbra, a pedido dos seus professores no Japão, todos eles jesuítas portu-

⁽³⁾ *Gymnasio non ita pridem celebri, antequam Rex Ioannes Tertius illud Conimbricam transtulisset.* «A Universidade não lá muito célebre, antes que o rei D. João III a tivesse transferido para Coimbra». Cf. Aires A. Nascimento, *Damião de Góis. Elogio da Cidade de Lisboa*, Lisboa, Guimarães Editores, 2002, p. 144.

⁽⁴⁾ Lisboa, FCG / FCT, 21999.

gueses, o Colégio das Artes estava, há trinta anos, nas mãos da Companhia de Jesus.

O relato dessa visita constitui o capítulo XXXI do *De Missione Legatorum Iaponiensium ad Romanam Curiam ... Dialogus* do P.^e Duarte de Sande, S.I., publicado em Macau, em 1590. Foi editado em português, em 1997, quatrocentos e sete anos depois de ter sido impresso na mesma cidade de Macau⁽⁵⁾. Uma edição em português, de que fala Barbosa Machado, nunca existiu⁽⁶⁾.

Os japoneses foram recebidos nas classes mais adiantadas de Latindade, com diálogos representados pelos alunos, de que a seguir dou o resumo de um deles, traduzido do latim do Padre Duarte de Sande⁽⁷⁾.

«No dia em que visitámos a classe primeira e a mais alta, foi-nos apresentado um drama muito interessante, que representava de modo notável os ‘Anjos’ a que chamam ‘da Guarda’. Dialogaram entre si os que têm sob a sua protecção o Japão e a Europa. Este último perguntou ao outro qual a situação das coisas no Japão, e na resposta foram desenvolvidas muitas vitórias admiráveis e os feitos praticados no Japão, que redundaram em louvor da religião cristã. Para os confirmar todos, apareceu em público a Fé, acompanhada de grande cortejo de santos (*caelitum*) e apregoou à boca cheia os louvores da Igreja japonesa, e finalmente, atribuindo todos estes bens ao símbolo da cruz, venerou-o com espírito religioso e grande respeito.

Retomando a palavra, o Anjo da Guarda da Europa, contou em longa fala, quanto se esforçou por que fôssemos recebidos com grande aplauso pelas várias regiões da Europa e por que os Sumos Pontífices nos cumulassem das provas do seu amor, como era justo que os pais mostrassem por filhos de novo nascidos. Depois entregou-nos ao Anjo, patrono do Japão, para que nos reconduzisse à pátria, sãos e salvos. Tudo isto foi representado com suma graciosidade das personagens e elegância das falas.

⁽⁵⁾ Duarte de Sande, S.J., *Diálogo sobre a Missão dos Embaixadores Japoneses à Cúria Romana*. Prefácio, tradução do latim e comentário de Américo da Costa Ramalho. Macau, Comissão Territorial de Macau para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses e Fundação Oriente, 1997, 353 páginas.

⁽⁶⁾ Innocencio Francisco da Silva, *Diccionario Bibliographico Portuguez*, T. II, Lisboa, Imprensa Nacional, 1859, p. 216-217; 473-474; T. IX, p. 155.

⁽⁷⁾ Para o latim, aqui traduzido, veja A. Costa Ramalho, *Para a História do Humanismo em Portugal*, Lisboa, INCM, III, 1998, pág. 268, nn. 10 e 11.

Também o Mestre, durante o diálogo, dirigindo-se a nós, comparou a nossa entrada na cidade com o regresso, cheio de alegria do rei D. Afonso Henriques à mesma cidade, depois de ganhar sobre os inimigos famosa vitória, e mostrou, em termos eloquentes, quanto mais gloriosos eram os nossos despojos da derrota da Idolatria que no Japão dominava ao longe e ao largo.»

Segue-se o resumo de mais dois diálogos dramáticos que me dispense de citar.

Tinha, há pouco, chegado a Coimbra o novo bispo D. Afonso de Castello Branco. E os professores do Colégio das Artes resolveram homenagear o prelado e os visitantes japoneses, pondo em cena a tragédia *Ioannes Baptista* da autoria do jesuíta padre António de Abreu.

Dou seguidamente o resumo feito por Duarte de Sande:

«No primeiro acto, foi apresentado João, menino de 5 anos de idade, que abandona os pais e as delícias da vida, fugindo para o ermo e para um modo de viver severíssimo, em que passou, no rigor, toda a sua existência até aos 30 anos.

No segundo acto, os povos da Judeia, impressionados pela fama da sua santidade, vieram ter com ele em grande número e, arrependidos dos pecados, foram por ele purificados nas águas do rio Jordão.

O terceiro era preenchido pela viagem progressiva deste santo até à cidade de Jerusalém e pelos frequentes avisos ao rei Herodes, pelos quais, ameaçando-o com a justiça divina, procurava desviá-lo, pelo medo, do seu criminoso incesto. No decurso deste acto pintava-se notavelmente, quer o fogo do divino amor que incendiava a mente de S. João, quer a irritação do tirano que se tornava cada vez mais duro contra os salutarens avisos.

No quarto acto, tratava-se das cadeias que injustamente foram postas ao santíssimo varão e brilhava sobremaneira a sua paciência em tolerar todas as adversidades.

Concluía toda a acção a decapitação crudelíssima do santo, exposta por tal forma que não se passava em cena, mas parecia ter realmente acontecido.

A cada acto desta tragédia juntava-se um canto suavíssimo de muitas vozes. Principalmente o terceiro acto foi digno de nota por aquela virtude, que com um vocabulário comum se designa por penitência, a qual exortava os Anjos a proclamar os louvores de São João, que eles celebravam com notável canto.

A esta peça conferiu não pequeno ornamento a descrição de alguns lugares, por exemplo, o da solidão em que São João se mortificava com a fome e outros sofrimentos e o da mansão infernal, de onde irrompiam as fúrias que impeliam a alma do ímpio Herodes às fraudes e aos crimes».

O latim correspondente à parte acabada de traduzir, pode ler-se no meu livro *Para a História do Humanismo em Portugal*, vol. III, p. 271.

A procura de lugares para assistir ao espectáculo foi renhida em toda a cidade de Coimbra. Houve quem levasse cadeiras e cobertores e se sentasse à porta do Colégio desde a véspera, passando a noite fria de Dezembro ao relento, para no dia seguinte ter direito a um lugar.

Um estudante de cânones que quis entrar no Colégio durante a noite caiu numa cisterna donde a custo foi salvo. Pergunto a mim mesmo se a cisterna não será a que, há pouco, foi descoberta sob o edifício do «Laboratório Chimico» construído no século XVIII, ao lado do Colégio das Artes, e em frente do Colégio de Jesus.

A representação da tragédia *Ioannes Baptista* durou sete horas, e foi entusiasticamente aplaudida⁽⁸⁾. Impressionaram particularmente a assistência alguns cenários e a harmonia musical dos coros. Mas deixemos os japoneses.

Tenho algumas recordações do meu contacto com os manuscritos do Colégio das Artes.

Entre 1959 e 1962, fui professor visitante da *New York University*. Uma tarde, em que trabalhava na biblioteca da *Hispanic Society of America* fui procurado pela bibliotecária-chefe, Miss Clara Penny, já então aposentada, mas sempre presente, que me informou de que tinha uma novidade para mim. Entregou-me um livro manuscrito, adquirido há pouco e proveniente do Colégio das Artes de Coimbra, onde reconheci imediatamente a *Achabus*

⁽⁸⁾ Sobre a embaixada dos japoneses ver no livro citado na nota anterior os capítulos XXIV a XXIX, p. 209-276.

que eu conhecia dos manuscritos de Coimbra. Com efeito, no final do meu curso de Filologia Clássica, e antes da licenciatura, publiquei um *Catálogo dos Manuscritos da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, relativos à Antiguidade Clássica*, em 1945. Quando fiz o catálogo, não sabia que o autor da tragédia era Miguel Venegas, pois os manuscritos de Coimbra omitem o nome do autor, assim como o de Nova Iorque.

Vim a encontrar o autor em manuscritos da biblioteca de Évora. Tanto o meu *Catálogo* como o artigo que publiquei sobre o manuscrito de Nova Iorque são devidamente citados no *Iter Italicum* de Paul Oskar Kristeller⁽⁹⁾.

Outro encontro com um manuscrito conimbricense do Colégio das Artes deu-se no Rio de Janeiro. Em 1976, dava eu um curso sobre o humanista José de Anchieta, S.I., a doutorandos na Faculdade de Letras da Universidade Federal, quando fui surpreendido com a informação de que o Rev. P.^e Armando Cardoso, S.I., tradutor de Anchieta, estava interessado em falar comigo.

Informado de que o Senhor Padre Cardoso era pessoa de idade avançada, tomei a iniciativa de ir visitá-lo ao Colégio de Santo Inácio que, por acaso, ficava perto do lugar em que eu vivia. O P.^e Armando Cardoso queria a minha opinião sobre um manuscrito que existia no Colégio, trazido de Itália, com poemas do século XVI que o seu colega Padre José R. Zabala considerava serem possivelmente de Anchieta.

Ao folhear o códice, ali mesmo, encontrei os coros de *Achabus* e completo o *Saul Gelboaeus*, muito meu conhecido, pois já orientara em Coimbra uma tese de licenciatura sobre essa tragédia. Mais uma vez, Miguel Venegas no meu caminho.

⁽⁹⁾ Paul Oskar Kristeller, *Iter Italicum, IV (Alia Itinera, II)*, London, Warburg Institute; Leiden, J. Brill, 1989, p. 446-449.

Para o manuscrito de Nova Iorque, ver A. Costa Ramalho, *Estudos sobre a Época do Renascimento*, Lisboa, FCG / JNICT, ²1997, p. 333-345.

Sebastião Tavares de Pinho «Literatura Humanística inédita do Colégio das Artes da Universidade de Coimbra no século XVI». *Actas do Congresso de História da Universidade no VII Centenário*, Coimbra, 1991, p. 1-20 da separata.

O Padre Armando Cardoso era uma pessoa encantadora (ignoro se é ainda vivo) e agradeceu-me satisfeito o esclarecimento da autoria, facultando-me uma cópia dactilografada do manuscrito. O códice do Rio de Janeiro já o tenho citado em trabalhos meus.

Com estas notas soltas do meu percurso na Literatura Novilatina em Portugal, iniciado por um *Catálogo de Manuscritos* em 1945 e continuado até hoje, espero sinceramente não vos ter fatigado nem desiludido em demasia.

(Página deixada propositadamente em branco)

Série
Documentos

•

Imprensa da Universidade de Coimbra
Coimbra University Press

2006

